

A OFICINA DE LEITURA COMO ESPAÇO PARA FORMAR LEITORES

ARLETE ALVES DE OLIVEIRA (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RORAIMA – IFRR)
E-mail: profarleteoliveira@hotmail.com/arlete@ifrr.edu.br

RESUMO

O valor atribuído à leitura é considerado positivo. Ler traz benefícios ao indivíduo e à sociedade nas mais diversas formas: lazer, prazer, conhecimento, enriquecimento cultural, ampliação das condições de convívio social e interação. No entanto, são comuns as queixas entre professores de que os alunos não gostam/sabem ler. É preciso discutir o papel da escola na formação de leitores e refletir sobre o lugar, cada vez menor, que a leitura tem no cotidiano do brasileiro. Além disso, merece atenção, analisar o material com o qual o aluno entra em contato tanto dentro como fora da escola, ou ainda, a formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, mas tem, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler. Em virtude disso, propõe-se apresentar aqui os resultados de oficinas de leitura, a partir de atividades desenvolvidas com alunos do 2º e 3º ano do ensino médio, do Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET – Roraima, por ocasião da I Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, promovida pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), em parceria com a Fundação Itaú e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). Dessa forma, pretende-se contribuir, socializar o trabalho em vistas de novos formadores de leitores em Boa Vista e, quiçá, no estado de Roraima.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; escola; formação de leitores

Este trabalho é fundamentado nas atividades diretamente ligadas ao trabalho que desenvolvi, por ocasião da I Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, como professora-orientadora, de um total de doze (12) oficinas, para alunos do ensino médio, 2º e 3º ano, do atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do estado de Roraima-IFRR, no período de maio a agosto de 2008. À época, a escola, integrante da rede federal de ensino tecnológico, era chamada de Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima – CEFET-RR.

Como já acontecia nas olimpíadas de Matemática e de Física, os alunos tomaram conhecimento da I Olimpíada de Língua Portuguesa pelos meios de comunicação e, também, pelos professores. A partir disso, além dos interessados em participar do evento, surgiram, também, as dificuldades, entre elas, a de oficializar a inscrição dos alunos/escola e professora, por questões burocráticas, no âmbito da escola; e, depois, de horário para ministrar as oficinas, já que os participantes estudavam em turnos diferentes: os do 2º ano, pela manhã; e os do 3º, à tarde. Na condição de professora, ministrava aulas de Língua Portuguesa/Literatura e Redação para os alunos finalistas do ensino médio. Por isso, buscamos um horário alternativo em que pudéssemos reunir os interessados para as oficinas exigidas pelo programa da I Olimpíada.

Superados os obstáculos estruturais, movida pelo interesse dos alunos e paixão pela leitura, reuníamos (os alunos e eu) todas as quintas-feiras, após as aulas do turno vespertino, por um tempo que beirava duas horas, dependendo da atividade a ser desenvolvida.

Em vias de concluir o mestrado em Educação e dedicada a estudar a formação de professores no ensino de leitura, era, agora, eu mesma, de certa forma, o objeto de minha pesquisa; dispus-me a realizar as oficinas, munida de total interesse em promover essa metodologia de ensino. Os alunos, a cada dia, apontaram-me caminhos ora tortuosos, ora muito promissores. Então, guiei-me pelo que diz Kleiman (2007, p.15), ao citar Bellenger, que, *para formar leitores apaixonados, devemos ter paixão pela leitura e que esta se baseia no desejo e no prazer (grifo nosso)*. Iniciamos, assim, os encontros com a proposta de discutir sobre o lugar em que vivemos.

De início, percebi que o tema “O lugar onde vivo” agradou aos alunos, e Roraima, mais precisamente a capital, Boa Vista, oferecia vários temas para reflexão e discussão. Vivíamos um momento turbulento: vários problemas sérios afligiam a população e nos expunham nos meios de comunicação, com repercussão nacional e até

internacional: greve de funcionários estaduais da saúde e da educação, pedofilia, entre outros. Dentre estes, um que se arrastava desde 1987 – a demarcação da área indígena Raposa/Serra do Sol, sobrepôs-se, pela sua abrangência. Como dito anteriormente, todos os temas eram complicados, por serem polêmicos, envolverem pais ou outros parentes de alunos participantes das oficinas. Mas não tínhamos como ignorar a demarcação de terras em áreas indígenas, haja vista a divulgação, indignação e os conflitos constantes. Devíamos – segundo as orientações para o trabalho – optar por um e, a partir dele, trabalharmos com a produção de texto; nesse caso, um artigo de opinião.

Roraima, no olho do furacão

Para descrever o sentimento que tomava conta dos participantes nos primeiros encontros, valho-me da citação de Kleiman (2007: 16):

“Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque não faz sentido.”

Os alunos justificaram isso na íntegra. Logo nas primeiras oficinas, alguns que sequer abriam a boca em sala, para manifestar opinião sobre qualquer fato, fosse ele de qualquer ordem, desataram a falar, a ler e a produzir textos a cada encontro. Eu, enquanto professora das turmas de 3º ano, pude perceber a diferença como cada um se comportava diante dos colegas, à medida que avançávamos nas discussões. E, por diversas vezes, ouvia dos alunos observações e/ou depoimentos que justificavam o interesse deles em ler e escrever.

Partindo do suposto de que *a leitura é um ato interativo e de compreensão de mundo* (Michelleti, 2006: 15), os alunos estavam de posse da chance de compreender várias situações, a partir do tema selecionado, cuja principal consequência era o desenvolvimento do estado de Roraima e o deles, visto que, mesmo tendo pais oriundos de outros estados da federação, eles – em sua maioria – são roraimenses e boa-vistenses.

Na condição de monitora das oficinas, eu aprendia a cada encontro e, assim como os alunos, ficava ansiosa pela próxima discussão, tema e atividades que, dali,

sairiam. Seguíamos o manual enviado pelos organizadores da Olimpíada, com as orientações passo a passo, a fim de produzir um artigo de opinião. Um material prático e rico de informações, que nos dava, também, a liberdade de acrescentar outras atividades. Novidade interessante que nele constava: dentre os textos selecionados como sugestão para os participantes de todo o Brasil, havia um artigo de opinião cujo articulista é roraimense escreve semanalmente para um jornal local.

Tal novidade deixou não só os alunos, mas também a mim, orgulhosos. Isso porque nunca encontramos nem menção ao estado de Roraima em textos divulgados em livros didáticos, a não ser, é claro, informações geográficas que são, comumente, mal empregadas. Mas, nesse caso, um texto expondo um problema, ainda que nacional, pois se tratava da exclusão social dos *cadeirantes*, a partir de situações vistas e vividas, em Boa Vista, discutidas e argumentadas por um autor que, para nós, facilmente, pode se confirmar a origem, foi de uma importância tamanha para todos. Valorização, certamente!

Fundamentando, muito rapidamente, a política do livro didático no Brasil, cito Lajolo (2006) que discute o binômio centralização/descentralização e salienta a necessidade de envolvimento dos professores em todas as instâncias, afirmando que *não há culpados (...), mas que se vive um momento particular da história do livro didático brasileiro, que é longa, cheia de desacertos e desencontros, de algumas apostas e esperanças* (p.64-5).

A esse respeito, nós, do extremo Norte, podemos confirmar, porque vivemos uma realidade, disposta nos livros didáticos, divergente daquela que presenciamos em nosso dia-a-dia.

Contrariamente a isso, nas oficinas destinadas a produzir um artigo que selecionaria o representante do então CEFET-RR, na I Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o futuro, definiu-se, dentre os problemas que assolavam a sociedade boavistense, por um que promoveu a discussão mais calorosa: a demarcação da área indígena Raposa/Serra do Sol. Os alunos pesquisaram, sondaram pessoas cujas opiniões eram a favor da demarcação, ou divergiam dessa posição; tiraram conclusões, amadureceram. Notadamente, eles liam o lugar onde vivemos... Eis que chega o dia marcado para a produção do texto final e quem estava mais apreensiva era eu; afinal, será que eles tinham assimilado, realmente, o que é um artigo de opinião? Estariam

aptos a representar o estado? Atenderiam o que as comissões, (pois eram quatro!) exigiriam deles? Tais perguntas me afligiam e a avaliada - pensava eu -, era também, a professora.

Produzidos os textos, passaram pela comissão escolar que escolheu o texto com o qual a escola seria representada nas outras comissões; pela municipal e, por fim, pela estadual. Fomos – o aluno-autor e eu, professora-orientadora, – escolhidos para representar o estado de Roraima, em São Paulo na categoria artigo de opinião. Mais alegria que apreensão tomou conta de nós; era a chance de, ao mesmo tempo, saber como estávamos em relação à leitura e a escrita, ante os outros estados. E o mais importante: oportunidade para aprender mais!



A turma do 3º ano – 20933- da qual fazia parte Felipe Balbino Navarro Alves (à frente), o representante de Roraima, na I Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* e eu, a professora-orientadora. Nov/2008

A demarcação da área indígena Raposa/Serra do Sol

Para entender quão importante é esse tema para os roraimenses e para todos que aqui vivem, basta imaginar uma área correspondente, se comparada, ao tamanho de Portugal, toda destinada à reserva indígena. Não se questiona, em nenhum momento a

importância desses habitantes, cientes que somos de nossa formação étnica e cultural, mas o desenvolvimento econômico e a garantia de direitos para os não-índios. Até porque sabemos que, dentre os indígenas, muitos são contrários a essa demarcação. Eles, também, foram inseridos às avessas na sociedade dos *brancos* e hoje já têm uma dependência, alheia à demarcação. Posto isto, associando os problemas pertinentes aos estados do Norte – excetuando-se o Amazonas e o Pará – os outros estados têm pouca notoriedade no desenvolvimento econômico do país. Sobressaem as carências, principalmente, de acesso aos grandes centros.

Conscientes disso, os participantes das oficinas de leitura e produção de textos mergulharam no universo do artigo de opinião e foi um aluno do 3º ano do ensino médio, Felipe Navarro Balbino Alves, que alcançou a classificação de melhor texto, nos critérios atribuídos ao gênero textual, avaliados pela comissão escolar e as comissões das secretarias de educação municipal e estadual.

Exultamos todos de alegria pelo feito. Os colegas de Felipe, segundo os depoimentos deles mesmos “sentiam-se muito bem representados” com a escolha feita pelas bancas em cada âmbito por que passou o texto. Além disso, “o aprendizado resultante dos doze (12) encontros, foi muito maior que em muito tempo de estudo com a leitura e a produção de textos”, disse outro participante. A meu ver, não havia melhor premiação: todas as medalhas (ouro/prata/bronze) haviam-nos sido dadas.

Mesmo que nosso objetivo não fosse o estudo dos aspectos lingüístico-gramaticais, não os ignoramos: os textos que os alunos traziam para a discussão dos temas, os selecionados no manual de orientação para as oficinas e os produzidos por eles despertavam-lhes questionamentos relativos a isso. Propositadamente eu lhes questionava o porquê de algumas estruturas ou outras formas de apresentá-las. Por vezes, fizemos re-escrituras, após essas discussões.

O texto objeto das oficinas foi o artigo de opinião. As características desse gênero textual aproximam-se às do texto, comumente, exigido nos exames vestibulares. Isso foi, claramente, um atrativo para os alunos, público-alvo, das oficinas. O que se fez de início, além de atraí-los para o trabalho que se propunha, foi diferenciar os textos em sua tipologia, mas também, identificar as semelhanças e a maneira de transformar o artigo de opinião no texto que as universidades, de forma mais restrita as da nossa

região, costumam lhes exigir. Assim, a adesão foi muito fácil e a participação constante e produtiva.

Ao sair de Roraima, outra expectativa se anunciava: como seria em São Paulo? Agora, somente o aluno e eu (os colegas na torcida!), vindos de uma realidade tão pouco conhecida pelo restante do Brasil. Mas, felizmente ou não, há outros lugares neste país em situação semelhante à nossa.

Fomos muito bem recebidos, aprendemos muito e a mais grata satisfação: meu aluno, sem aviso prévio algum, aproveitou todas as oportunidades para ler, aprender sobre a produção de textos, conhecer muitas pessoas e ao re-escrever o texto inicial, com as novas orientações, tornou-o ainda melhor que antes. O texto foi selecionado para a etapa final. E já nos sentíamos, previamente, campeões!



Felipe e eu após recebermos medalha como semifinalistas da Olimpíada, em SP, Nov/2008

O retorno à escola foi digno de novos textos a serem lidos e produzidos. Os colegas de Felipe e, agora, todos da Escola sabiam do feito, queriam ler o texto premiado, publicado. Atribuo, também, a isso a motivação para novas oficinas de leitura e produção de textos independente de eventos. É certo que as nossas inquietações para mudar o cenário da leitura e da escrita no Brasil precisam se transformar em atos políticos.

Considerações Finais

As oficinas de leitura, indubitavelmente, são espaços de formação de leitores. No entanto, para que a leitura se torne um bem social, um direito de todos, faz-se necessário buscar mudanças em seu ensino, bem como nas condições materiais para que ela aconteça. Almeida (2001, p.116) confirma isso ao dizer que

“Dentro de uma perspectiva sociológica, entende-se que a constituição de leitores e as histórias pessoais de leitura são afetadas diretamente pelo contexto sócio-histórico, cultural e econômico e, portanto, apresentam variações de acordo com os diferentes modos de inserção no mundo da cultura letrada.

Desta feita, para que a promoção da leitura não seja vista sob uma perspectiva ingênua, há que se considerá-la como ato político, porque o que se questiona é o direito do cidadão de ter acesso (material e intelectual) à informação e à cultura letrada. Em relação a isso, Britto (2001, p.5) apregoa que em uma campanha social pela leitura deve-se insistir no fato de que postulamos um direito. Para ele, *trata-se de outra face da disputa político-social pelo poder, assim como a luta pela terra, por habitação, por trabalho, por saúde e educação.*

Quero encerrar este trabalho com o resultado concreto, positivo e motivador da oficina de leitura: o texto final do meu aluno, Felipe Balbino Navarro Alves, premiado e divulgado no caderno de textos, categoria Artigo de Opinião, página 59, da I Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro/2008, a quem rendo mais esta homenagem: Parabéns, sempre, Felipe!

“Roraima, um Estado dividido

Roraima vive hoje um momento único em sua história. Até bem pouco tempo atrás, pouco se falava do Estado; porém, recentemente, ele se tornou alvo da atenção de todo o país. O que mais me entristece é saber que todo esse interesse não se deve às suas riquezas naturais ou culturais, e sim aos lamentáveis conflitos fundiários que tanto sujam a imagem do Estado que, desde pequeno, aprendi a amar.

Os problemas territoriais de Roraima são mais antigos do que se pensa. Desde tempos imemoriais, os índios das etnias Macuxi, Ingaricó, Wapixana, Ianomâmi, entre outras, habitam o Estado e lutam pelo direito à posse das terras que antes lhes pertenciam, envolvendo-se em inúmeros conflitos entre si com os não-índios que e estendem até os dias atuais. Como resultado, mais de 40% do

Estado corresponde, hoje, a terras indígenas destinadas à suposta "preservação da cultura indígena e das riquezas naturais".

Não sou contra os índios de maneira alguma, mesmo porque, como a maioria dos brasileiros, tenho sangue indígena, gosto de dormir em redes e tomo banho, pelo menos, três vezes ao dia - costumes herdados dos nativos brasileiros. Contudo, não posso deixar de observar que essas reservas trazem mais problemas que soluções.

Principalmente em áreas de fronteira, tais demarcações facilitam a entrada de estrangeiros que exploram nossos recursos e realizam patentes para seus países, prejudicando a hegemonia do Brasil, que perde pouco a pouco suas riquezas. Além disso, a economia do estado fica bastante ameaçada, visto que as reservas indígenas compreendem grande parte das terras agricultáveis da região, indispensáveis à principal fonte de renda de Roraima: o cultivo de grãos, como o arroz e a soja.

Os problemas trazidos pelas reservas não são apenas de natureza econômica e territorial, eles também contribuem para aumentar o preconceito para com os indígenas, que são segregados da sociedade, estimulada a praticar violência contra tais povos.

Eu, como roraimense, não me sinto plenamente brasileiro, pois o país parece não se preocupar com o futuro do meu Estado, agindo de maneira deletéria não só com Roraima, mas com a Amazônia em geral. O povo roraimense precisa que o governo federal não enxergue mais o estado como o "fim do Brasil" e passe a propor novas formas de aliar a preservação da cultura indígena com o desenvolvimento econômico e tecnológico do Estado. Assim me sentirei à vontade para bater no peito e dizer que faço parte da grande nação brasileira."

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Lúcia de Campos. **O professor-leitor, sua identidade e sua práxis**. In: KLEIMAN, Ângela B. (org.) Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Leitura e Participação Social**. In: Revista Língua Portuguesa. São Paulo: IBEP, Ano I, nº 2, junho, 2001.

CADERNO DE TEXTOS da I Olimpíada de língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, categoria Artigo de opinião, p. 59

GAGLIARDI, Eliana. Pontos de vista. São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília-DF: MEC, 2008.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria & prática**. Campinas-SP: Pontes, 2007.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2006. (Série Educação e Ação).

MICHELETTI, Guaraciaba e outros. Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção. São Paulo: Cortez, 2006.